

VÓ SIMONTE: MEMÓRIAS E LEGADO¹

Domingos Rodrigues da Trindade²

Silvana Batista Sousa³

Universidade do Estado da Bahia - UNEB – *Campus XII*

RESUMO

Esta pesquisa pressupõe analisar as memórias e heranças de familiares da vó Simonte, relacionadas à sua infância e aos papéis que desempenhou como mãe, mulher e benzedeira. Para alcançar esse objetivo, realizou-se uma entrevista estruturada com um dos filhos e sua nora. Com base nas contribuições de Franz Boas (2004), Gaspar (2004) e Halbwachs (1990), percebe-se que essas memórias são resultado de experiências pessoais mediadas pela interação entre o indivíduo e a sociedade. Além disso, é crucial preservá-las para que culmine na compreensão da identidade individual. Assim, reconstruir a memória de vó Simonte nos incentiva a explorar outras narrativas familiares e valorizar o conhecimento transmitido ao longo das gerações.

PALAVRAS-CHAVE: Benzedeira. Identidade. Memórias. Mulher. Vó Simonte.

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

A partir da memória podemos reviver momentos passados, reter conhecimento e construir nossa identidade. É um complexo processo cognitivo que nos permite armazenar, codificar e recuperar informações, experiências e emoções. Nossas memórias moldam nossa percepção do mundo, influenciam nossas escolhas e nos conectam com nosso passado. Desde as memórias mais vivas e emocionantes até aquelas que se desvanecem com o tempo, a memória é um componente essencial da experiência humana, permitindo-nos aprender, crescer e nutrir nossos relacionamentos (MAIA, 2013).

¹ Trabalho produzido no componente curricular Núcleo de Pesquisa e Prática Pedagógica II (NPPP II), ministrado pelo professor Dr. Domingos Rodrigues da Trindade.

² Possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - *Campus XII* (2000), mestrado (2011) e doutorado (2015) em Educação pela Universidade de Brasília. Professor adjunto do Departamento de Educação, *Campus XII/UNEB*. É vinculado ao Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire/NEPE. Linha de pesquisa: Educação do Campo, Educação de Jovens e Adultos e Movimentos Sociais (UNEB). Grupo de Pesquisa Educação do Campo: trabalho, contra-hegemonia e emancipação humana (UNEB). Linha de pesquisa: Políticas Públicas de Educação do Campo. É membro da Câmara de Educação do Campo do Conselho de Desenvolvimento do Território de Identidade Sertão Produtivo. E-mail: dtrindade@uneb.br

³ Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela UNEB - *Campus VI* (2021). Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UNEB – *Campus XII*. E-mail: silvana-histo@hotmail.com

Nesse sentido, o principal objetivo deste estudo é evidenciar as memórias e aprendizagens transmitidas aos familiares de Vó Simonte. Além disso, busca-se ressaltar o seu papel como mulher, mãe e esposa, e explorar as suas contribuições para comunidade por meio da sua prática como benzedeira. Para isso, foram realizadas entrevistas com um dos seus filhos e sua esposa, as quais proporcionaram uma reflexão sobre as memórias compartilhadas e as experiências vivenciadas ao lado dela.

Essas entrevistas foram fundamentais para reconstruir e preservar a memória acerca da vida de Vó Simonte, capturando sua essência e a importância que ela teve na vida daqueles que a cercavam. No entanto, esse trabalho visa não apenas registrar as memórias e experiências relacionadas a Vó Simonte, mas também compartilhá-las com as gerações futuras. Ao documentar e difundir seu legado, estamos contribuindo para a preservação da história familiar e para a valorização de suas ações e saberes.

Por fim, esta pesquisa foi estruturada em seis seções. Na primeira é exposto o tópico denominado de “Palavras Introdutórias”, e na sequência são abordados: “O ato de benzer: a importância da construção da memória dessa prática tradicional”, “Caminhos metodológicos”, “Vó Simonte: memórias e contribuições”, as considerações finais e as referências bibliográficas, nesta respectiva ordem.

O ATO DE BENZER: A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DESSA PRÁTICA TRADICIONAL

A memória é um fenômeno complexo que envolve a reconstrução das experiências passadas com base nas lembranças estimuladas por situações presentes. Essa reconstrução é influenciada pelas imagens e ideias atuais, as quais são moldadas pelas interações entre o indivíduo e a sociedade. Franz Boas (2004) defende que as experiências individuais são amplamente moldadas pela cultura em que uma pessoa está inserida. Além disso, ele argumenta que as condições em que as ocorrências culturais surgem são sempre resultado da interação entre o indivíduo e a sociedade.

Halbwachs (1990) argumenta que a preservação da memória desempenha um papel fundamental na compreensão da identidade de um grupo específico, pois a memória de um indivíduo é influenciada pelo seu relacionamento com diversos grupos de convívio e de

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Universidade
Estado da Bahia

16 a 19 de agosto

referência, tais como a família, classe social, escola, igreja, profissão, entre outros. De acordo com a afirmação do autor, é possível identificar as benzedeadas como sujeitos que fazem parte de um desses grupos mencionados e, portanto, desempenham um papel crucial na preservação da memória e na construção identitária dos sujeitos envolvidos.

Esses aspectos estabelecem uma relação inevitável entre as ações cotidianas das benzedeadas e a preservação da memória de uma determinada comunidade. Em muitos povos, e talvez na maioria deles, a religião desempenha um papel determinante na vivência cultural. No Ocidente, essa dinâmica é particularmente evidente nas comunidades menos privilegiadas, nas quais a religião é vivenciada de acordo com a realidade, problemas e necessidades específicos dessas comunidades (GASPAR, 2004).

Devido ao importante papel que desempenham entre as camadas populares de suas comunidades, mesmo em regiões onde há médicos, mas o acesso aos serviços de saúde é precário e os medicamentos são caros, as pessoas procuram a ajuda das rezadeiras, que atendem sem restrições aqueles que buscam seus serviços. As benzedeadas sempre desempenharam um papel crucial junto às populações mais desfavorecidas, uma vez que essas pessoas, sem acesso à medicina convencional, recorriam a chás, garrafadas e rituais na busca pela cura. A elas cabe a importante missão de tratar os males do corpo e do espírito.

Em suma, esse conjunto de conhecimentos é geralmente transmitido de geração em geração, sendo passado como sabedoria principalmente por meio da tradição oral. O ato de transmitir tais conhecimentos faz com que o grupo constantemente reconstrua suas lembranças e, conseqüentemente, reafirme sua identidade. As lembranças coletivas se sustentam umas nas outras, formando um sistema que perdura enquanto a memória grupal puder ser preservada. Se por acaso esquecermos, não é suficiente que os outros testemunhem o que vivemos. É necessário um constante confronto, comunicação e troca de impressões para que nossas lembranças adquiram consistência (BOSI, 1994).

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, com revisão bibliográfica e entrevistas estruturadas, que contou com a participação de Nelson Nunes de Sousa e Terezinha

Queiróz de Sousa, filho e nora de Vó Simonte⁴, ambos responderam as mesmas questões. Conforme Duarte (2004), a utilização de entrevistas como meio de obtenção de informações visa compreender a subjetividade do indivíduo por meio de seus relatos, pois reflete a maneira como ele observa, vivência e analisa seu contexto histórico, seu momento presente e seu meio social.

Cada entrevista representa um dos muitos pontos de vista possíveis. Ao extrair o que é subjetivo e pessoal do sujeito, podemos ampliar nossa compreensão para uma dimensão coletiva, o que nos permite entender a lógica das relações que foram estabelecidas ou se estabelecem dentro dos grupos sociais dos quais o entrevistado faz ou fez parte, em um determinado tempo e lugar (DUARTE, 2004).

VÓ SIMONTE: MEMÓRIAS E CONTRIBUIÇÕES⁵

Recordar de vó Simonte é trazer à tona traços marcantes de uma mulher que se destacava por estar à frente de seu tempo. A sinceridade era uma de suas características mais distintivas, sempre expressando-se com autenticidade e franqueza. Embora fosse temida por sua forma incisiva de se expressar, ela era amplamente respeitada pela comunidade local. Sua inteligência era reconhecida e valorizada por todos que a rodeavam.

Ela adquiriu o apelido carinhoso de "Vó Simonte" ou "Adelina Simonte" devido ao fato de consumir simonte, uma substância resultada da mistura de fumo e noz moscada. Além disso, ela depositava este produto em um objeto feito da ponta de um chifre de boi, e carregava para todos os lugares, tornando-se uma marca que a identificava e agregava um senso de familiaridade e proximidade.

Apesar de ter convivido pouco tempo com ela, guardo com imensa nostalgia as lembranças de quando ela pronunciava meu nome de forma "errada". Foi ela mesma quem o escolheu. Minha bisavó era uma poetisa, cheia de inventividade. Ela possuía uma maneira peculiar de nomear seus netos e bisnetos. Ela costumava criar palavras por meio da fusão dos

⁴ Para não perder a originalidade do trabalho, foi decidido mediante autorização do casal, a exposição dos seus nomes.

⁵ Nesta seção e nas considerações finais, optei por utilizar uma escrita em primeira pessoa para destacar as memórias e contribuições deste trabalho para mim, como bisneta de Vó Simonte. Isso se deve ao fato de que tenho um vínculo pessoal com o objeto de estudo, o que acrescenta uma perspectiva intimista e reflexiva à pesquisa.

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Bahia

16 a 19 de agosto

nomes dos pais ou inspirava em sua profunda religiosidade, ao observar o santo homenageado no dia de nascimento da criança.

Admirava seus cabelos brancos que pareciam brilhar como a neve, embora ela não gostasse deles. Sempre cobria sua cabeleira grisalha com um lenço e permanecia na janela, cumprimentando todos os que passavam pela rua. Seu quintal era um verdadeiro oásis verde. Era lar de diversas árvores frutíferas e ervas medicinais. No entanto, a sua favorita era um imponente "pé de laranja da terra", do qual ela colhia e fazia tachos e mais tachos de doce. Aquela árvore era como um símbolo de sua generosidade e habilidade culinária, enchendo sua casa com o aroma adocicado das laranjas preparadas com amor.

Essas memórias afloram sempre que meus olhos encontram a moldura de um retrato, posicionado com destaque na sala de estar. Conheci minha querida bisavó Simonte nos últimos anos de sua vida. No entanto, anseio em descobrir quem ela foi enquanto criança, mulher, mãe e esposa, além de seu papel como benzedeira. Para desvendar essas questões, recorri aos meus avós paternos, Nelson Nunes Sousa e Terezinha Queiróz Sousa, sendo estes filho e nora que tiveram o privilégio de compartilhar uma relação próxima com ela. Através das histórias e lembranças transmitidas por minha avó, pude contemplar e conhecer questões que eram desconhecidas por mim. Segundo ela:

Eu casei novinha demais. Era normal naquela época, né? Mas, o ruim era que eu não sabia cuidar de uma casa. Tudo que sei hoje, foi ela que me ensinou. Até a brevidade que você gosta, aprendi com ela. Na roça eu morei encostadinho dela. Não tinha casas próximas. Então era eu por ela e ela por mim. Ela me ajudou com os meninos, cuidar da roça... rapava mandioca comigo quando era mais nova... Agora na velhice dela, eu ajudei muito ela também. Cuidei dela... E estive presente no leito de morte (Entrevista concedida no dia 21 de maio de 2023, em Tanque Novo-BA, por Terezinha Queiroz de Sousa, aposentada).

As experiências adquiridas durante a primeira infância, influenciam na formação do indivíduo na fase adulta. Neste viés, é preciso compreender quais fatores moldaram suas experiências positivas e negativas que foram vividas (FONTE, 2017). Com isso, a infância de vó Simonte foi um período difícil e sua família vivia do trabalho árduo na roça para sobreviver. Além disso, para ajudar no sustento de casa, aprendeu a tecer com a sua mãe, assim como aponta sua nora:

Ela falava que as coisas naquele tempo eram muito difíceis. Só vivia assim: se cozinhava alguma coisa, colocava em um prato pra todo mundo comer aquele “tiquin”. Trabalhava na roça, na casa de roda, tecer pano para poder sustentar a família. Os homens que tinha as mulheres que não teciam, era ela que fazia. Ela aprendeu a tecer porque a mãe dela ensinou para ela (Entrevista concedida no dia 21 de maio de 2023, em Tanque Novo-BA, por Terezinha Queiroz de Sousa, aposentada).

As suas condições de vida melhoraram um pouco após o casamento:

Para criar os filhos dela, foi muito difícil. Mas, “padin” João [esposo de Vó Simonte] era muito trabalhador, nunca deixou faltar nada. Mas, mesmo assim era com a ajuda dela. Roupas mesmo, seu “pai”⁶ usava cada “cirolão” que ela fazia. Aquelas cirolas de algodão... O marido dela mandava nela, mas ela não ficava atrás não. Ela não tinha um pingão de medo dele. O “véi” ciurmava dela pra não sair pra rua. Ela saía meio dia e chegava de noite (risos). Se falasse “não sai”, ela saía meio dia e chegava de noite, pra quando o “véi” chegar, não achar ela dentro de casa (Entrevista concedida no dia 21 de maio de 2023, em Tanque Novo-BA, por Terezinha Queiroz de Sousa, aposentada).

Diante disso, percebe-se que ela possuía uma postura subversiva perante as ordens impostas por seu marido, em uma época em que as relações matrimoniais eram estruturadas em um modelo patriarcal e machista. Sua nora afirma que o marido a “controlava”, porém, ela adotava ações que transcendiam tais imposições. Com isso, quando o casal é questionado sobre como o casamento de vó Simonte foi estabelecido, eles não souberam fornecer nenhuma informação. Entretanto, como ela viveu em um período que era comum o arranjo de casamentos com base em acordos familiares, talvez isso explique as suas ações em relação ao marido.

O entrevistado relata que o casamento dos seus pais sempre foi muito conturbado, devido às constantes discussões decorrentes da “natureza” de sua mãe. Ao mencionar que as ações de vó Simonte são decorrentes de sua “natureza”, percebe-se como as inquietações e subjeções femininas são negadas após serem desconsideradas em prol da defesa do sistema patriarcal de forma implícita. Essa postura do meu avô é o reflexo da prevalência do patriarcado, que busca desconsiderar a autonomia e expressão das mulheres.

Na sequência, vó Nelson afirma que sua mãe começou a benzer depois da “família criada”, ou seja, após ter tido seus filhos, mas não sabe quem a ensinou. Supostamente, alguém de sua família teria ensinado. Em suas palavras:

⁶ Minha avó tem o costume de se referir ao meu avô chamando-o de “seu pai” para mim.



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Universidade
do Estado da Bahia

16 a 19 de agosto

Ela começou benzer depois da família criada. Eu não sei dizer quem foi que ensinou ela, mas ela deve ter aprendido da família. Ela benzia mais gente da família mesmo (neste momento a esposa do entrevistado interrompe e diz: “Mentira! Quantas vezes eu já vi gente de fora na casa dela? O povo de C***⁷ não saía de lá.”) Ela benzia na casa dela com uma folhinha de mato mesmo (Entrevista concedida no dia de 21 de maio de 2023, em Tanque Novo-BA, por Nelson Nunes de Sousa, aposentado).

Ao direcionar a entrevista para o papel executado enquanto benzedeira, minha avó realizou várias intervenções na fala do esposo. Com isso, percebe-se que a prática de benzer foi uma atividade voltada mais para as mulheres. Ela menciona que não usava apenas folhas para benzer, dependia da demanda:

Para benzer de quebrante, ela benzia com um raminho verde. Aí se a pessoa tivesse com muito olho ruim, o ramo murchava de vez na mão dela. Tinha hora que ficava preto. Secava. Já ventre caído não. As vezes ela usava umas pedrinhas ou puxava os dedos da pessoa. Rezava no próprio corpo da pessoa. Ela sentia quando a pessoa não tinha fé na benzeção dela, aí ela não rezava não. Mandava procurar outra benzedeira. Ela era sincera, falava na cara de pessoa que não ia benzer por falta de fé... da crença, né? (Entrevista concedida no dia 21 de maio de 2023, em Tanque Novo-BA, por Terezinha Queiroz de Sousa, aposentada).

Percebe-se a presença do misticismo na fala da minha avó não apenas em relação a descrição das ações da sogra, mas também quando ela menciona que as rezas são feitas de forma “oculta”, interrompendo o esposo quando ele diz que é feito em silêncio. De acordo com ela, isso era feito como uma forma de impedir que as pessoas “prendessem as orações dela”. Além disso, ao ser questionada sobre qual reza ela aprendeu com a sogra, ela riu e menciona que nenhuma. Porém, sabendo que ela não estava sendo sincera com a resposta, indaguei o porquê da sua ação. Sua justificativa foi que não poderia falar, pois “quebraria o encanto”.

Vó Simonte não solicitava nenhum pagamento pelas suas práticas de benzeção, realizando-as em sua própria residência ou ao perceber a necessidade quando visitava alguém. Ela mencionava a necessidade da pessoa e solicitava a permissão para benzer. No entanto, uma das memórias mais marcantes que tenho dela é que logo após ficar viúva, ela costumava visitar

⁷ Por questões éticas, o nome citado durante a entrevista não será evidenciado.

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Bahia

16 a 19 de agosto

as casas das pessoas durante o horário de almoço para benzer, sabendo que sua ação seria recompensada com uma refeição.

Ela não apenas benzia. Durante suas horas vagas adorava tecer e bordar. Recordo da cadeira de balanço que ficava ao lado da janela e aos pés uma sacola com linhas e outros materiais. Conforme ao meu avô, ela tecia utilizando o tear e fazia renda com um instrumento produzido com coco licuri. Em suas memórias:

Tinha o “tial” da onde que era fazia os panos. Ela fazia a linha e o pano no “tial”. Ela fazia uns versos na hora do trabalho dela. E ficava só pra ela. Mas aí na hora do lazer ou a gente se reunia a noite, ela cantava o verso dela. Eu lembro que ela pedia para eu pegar uma folha de caderno e ela pedia para escrever o “abc” pra ela, fazer as letras, e aí cada letra do “abc” tinha um verso. Ela completava o verso. Ela foi chamada na escola pra fazer essas rimas, mas foram poucas vezes também (Entrevista concedida no dia 21 de maio de 2023, em Tanque Novo-BA, por Nelson Nunes de Sousa, aposentado).

Vó Simonte desejava transmitir esses versos ao seu neto mais velho, sendo ele, o meu pai. No entanto, quando chegou o momento em que ela se encontrava acamada e sentiu a necessidade de ensinar não apenas os versos, mas também as orações, ele estava em São Paulo. Assim, ela transmitiu oralmente alguns versos a outro neto, que também era próximo dela, e algumas rezas foram ensinadas a minha avó em suas lutas diárias que eram compartilhadas. Além disso, Vó Simonte escreveu uma de suas orações e a entregou a uma das netas com o propósito de disponibilizá-la para quem desejasse aprender. Mas, com o passar do tempo, o registro acabou sendo perdido.

Não existem registros sobre quem ensinou Vó Simonte a benzer. É possível que esse conhecimento tenha sido adquirido ao longo de sua vida por meio de experiências diárias, enfrentando as necessidades e contando com poucos recursos para tal. Ela se dedicava a ajudar as pessoas com o pouco que possuía e o que sabia. No entanto, sua importância transcendeu sua vida cotidiana e seu legado adentrou a história e a memória daqueles que a amavam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho possibilitou o resgate da memória de Vó Simonte, o que não beneficiou apenas a mim, mas toda família. É importante valorizar os conhecimentos e a contribuição dos



nostros antepassados, pois isso desempenha um papel na construção de nossa identidade, além de fortalecer nossa conexão com as raízes familiares e enriquecer a compreensão da história que nos trouxe até aqui.

Todavia, o resgate da memória de Vó Simonte vai além de um simples resgate individual, ele aponta para a importância de realizar algo maior: a preservação e valorização das memórias de outros familiares. Esse processo de resgate nos impulsiona a investigar e compreender o papel desempenhado como benzedeira, com isso desvendando as histórias e os saberes que permearam sua prática.

Nesse sentido, ao nos aprofundarmos nessa investigação, podemos ampliar nosso entendimento sobre as contribuições dos nossos antepassados para a comunidade e reconhecer sua importância em uma época de muitas limitações e desafios. O resgate da memória de Vó Simonte nos convida a continuar explorando outras narrativas familiares e a valorizar o conhecimento transmitido ao longo das gerações.

REFERÊNCIAS

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade, lembrança de Velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/T2-5SF/Sandra/Entrevistas%20em%20pesquisas%20qualitativas.pdf>>. Acesso em: 10 de junho de 2013.

FONTE, Rebecca Feitosa da. **Os reflexos da infância na vida adulta: uma revisão de literatura**. Monografia (Graduação). Faculdade de Odontologia de Araçatuba, Universidade Estadual Paulista; Araçatuba, 2017.

GASPAR, Eneida D. **Guia de Religiões Populares do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.



MAIA FILHO, Mamede Said. **Entre o passado e o presente, a afirmação da memória como direito fundamental**. 2013. 260 f. Tese (Doutorado em Direito) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/14161>. Acesso em: 10 jun. 2023.